

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA (ORGANIZADOR)

ARTE E CULTURA:



PRODUÇÃO, DIFUSÃO E REAPROPRIAÇÃO 3

Atena
Editora
Ano 2023

EZEQUIEL MARTINS FERREIRA (ORGANIZADOR)

ARTE E CULTURA:



PRODUÇÃO, DIFUSÃO E REAPROPRIAÇÃO 3

Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
A786	Arte e cultura: produção, difusão e reapropriação 3 / Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0973-1 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.731231001 1. Arte. 2. Cultura. I. Ferreira, Ezequiel Martins (Organizador). II. Título. CDD 306.47
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

As relações entre o conhecimento artístico ou estético e o conhecimento científico sempre existiram, do ponto de vista das produções simbólicas do homem. Já haviam, antes da criação de um método científico, surgido de uma visão racionalista e empirista, os modos de conhecimento se pautavam em explicações que acalentavam as inquietações humanas, a exemplo temos o conhecimento mítico, o filosófico e o artístico.

O mítico, que beira o religioso se baseava principalmente em explicações exteriores e anteriores à construção do homem, mas se baseando nos aspectos mais intrigantes do imaginário humano e se perfazendo em torno da construção própria do destino.

O filosófico partia, em parte da observação e do questionamento sempre presente sobre as atitudes e emoções humanas. E, por fim, o artístico, sendo influenciado por ambos os anteriores, representava numa espécie de mimese o que era colhido nas entranhas humanas.

Nesse aspecto, o vínculo entre os três modos de conhecer era responsável pela evolução de cada um, onde o constante diálogo e interação entre eles inspiravam constantemente um ao outro.

Surge então, pelas guinadas da lógica e na evolução do racionalismo, o estabelecimento do método científico pautado na experimentação e delimitação precisa dos caminhos para a aquisição do conhecimento.

Onde havia um espaço aberto à colaboração, se restringe às premissas de um seletivo grupo que por algum tempo definem o que pode ser considerado científico ou não.

No entanto, essas barreiras entre o científico e o artístico estão novamente mescladas e as discussões sobre o fazer científico num viés artístico se encontram cada vez mais presentes na atualidade.

Pensando nisso, a coletânea *Arte e Cultura: Produção, Difusão e Reapropriação*, em seu terceiro volume, reúne catorze artigos que abordam algumas pesquisas envolvendo a interseção entre arte e cultura.

Uma boa leitura!

Ezequiel Martins Ferreira

- CAPÍTULO 1 1**
DESMONTAGEM “UJI – O BOM DA RODA”: MÚSICA E CORPORALIDADE PARA UMA DRAMATURGIA DO MÚSICO-ATUADOR
Eduardo Conegundes de Souza
 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310011>
- CAPÍTULO 2 10**
MUSEUS E ACERVOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA DO TEATRO DE FORMAS ANIMADAS NO BRASIL
Igor Erbert
Raphael Leon de Vasconcelos
 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310012>
- CAPÍTULO 320**
O AMOR É UM BANQUETE NO QUAL ME ALIMENTO: ABERTURAS POSSÍVEIS PARA A PROSA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA NO ROMANCE A GORDA, DE ISABELA FIGUEIREDO
André Carneiro Ramos
 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310013>
- CAPÍTULO 433**
TROPICÁLIA NEGRA: AMÉRICA LATINA, TRADIÇÃO, MODERNIDADE E INTERCULTURALIDADE CRÍTICA PERCEBIDAS NO MOVIMENTO TROPICÁLIA
Davi Ebenezer Ribeiro da Costa Teixeira
 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310014>
- CAPÍTULO 546**
REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO CRIATIVO DO CANTOR NA INTERPRETAÇÃO VOCAL
Lucila Tragtenberg
 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310015>
- CAPÍTULO 658**
PRÁTICAS INTERPRETATIVAS À LUZ DA PROPOSTA MUSICOPEDAGÓGICA CDG: EXPERIÊNCIAS PARA O ENSINO COLETIVO DE TROMBONE
Michele Girardi
 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310016>
- CAPÍTULO 780**
“PIANODEMIA” PROJETO DE EXTENSÃO PIN - PRODUÇÃO ARTÍSTICA/ CULTURAL, EDUCACIONAL E CIENTÍFICA NO PERÍODO DA PANDEMIA COVID-19
Alfeu Rodrigues de Araújo Filho
 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310017>

CAPÍTULO 8 91

NELSON FARIA - NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA DE UM PROFESSOR DE MÚSICA

Wanderson Ferreira Bomfim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310018>

CAPÍTULO 9 103

ASPECTOS DA CULTURA DA FALA E LINGUAGEM EM SAUSSURE: UMA LEITURA DO SERTÃO DE CANUDOS

Marcio Ronaldo Rodrigues Vieira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7312310019>

CAPÍTULO 10..... 118

UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA A ESCOLA ESTADUAL FIRMINO COSTA

Daniel Jacob de Oliveira

Janaina Faleiro Lucas Mesquita

Vasco Caldeira da Silva

Elisa Reis Moreira

Mariana Lobato Garcia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.73123100110>

CAPÍTULO 11 128

PROTEÇÃO E PERTENCIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE PERDÕES (MG): UM ESTUDO CIENTÍFICO

Tales Wendeu Placedino Gomes

Janaína Faleiro Lucas Mesquita

Adriano Rodrigues

Marisa Aparecida Pereira

Laura Barbosa Andrade

Naiany Veloso Silva Lehmkuhl

Lara Carvalho Bauth

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.73123100111>

CAPÍTULO 12..... 139

PATRIMÔNIO CULTURAL LAVRENSE: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

Laura Barbosa Andrade

Janaína Faleiro Lucas Mesquita

Adriano Rodrigues

Marisa Aparecida Pereira

Tales Wendeu Placedino Gomes

Lara Carvalho Bauth

Claudimar de Souza Neves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.73123100112>

CAPÍTULO 13.....151**CAMINHOS CULTURAIS: DO IFBA, CAMPUS SALVADOR, AO FORTE DO BARBALHO**

Catiane Rocha Passos de Souza

Solange Maria de Souza Moura

Maria Lucileide Mota Lima

Marijane de Oliveira Correia

Nadson Silva dos Santos

Pablo Vieira Florentino

Mirella Rodrigues

Jair Souza de Santana

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.73123100113>**CAPÍTULO 14..... 164****ARTE NA ESCOLA: PROCESSOS DE IDENTIDADE E CULTURA EM UMA ESCOLA DO CAMPO**

Isabel Soares de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.73123100114>**SOBRE O ORGANIZADOR 174****ÍNDICE REMISSIVO 175**

ASPECTOS DA CULTURA DA FALA E LINGUAGEM EM SAUSSURE: UMA LEITURA DO SERTÃO DE CANUDOS

Data de aceite: 02/01/2023

Marcio Ronaldo Rodrigues Vieira

ASPECTS OF LANGUAGE AND SPEECH CULTURE IN SAUSSURE: A READING OF IN SERTÃO IN CANUDOS

RESUMO: Este Trabalho consiste em uma leitura do conceito de fala em Saussure e aspectos de fala e narrativas do povo de Canudos. Resultado do Componente Seminário Avançado I do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Turma de Canudos, através de realização de leituras e debates, relatos no campo de Linguística, Linguagem, Cultura de fala, realizado em aulas remotas. Este trabalho é fruto de uma produção, resultado dos temas trabalhados em consonância com o projeto de investigação em curso cujo temática é: Aspectos da Cultura de fala e Linguagem em Saussure: Uma leitura do Sertão de Canudos. Assim, objetiva-se estudar a contribuição que a Linguística e a Linguagem apresentam para enriquecer a historicidade da pesquisa sobre a obra literária do Povo do sertão de Canudos, cenário de uma guerra religiosa no nordeste do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura; Linguagem; Fala; Sertão de Canudos.

ABSTRACT: This paper consists of analysis about Saussure's concept of speech and also about narratives of people from Canudos, Bahia. It is a result from the subject Advanced Seminar I in the Graduate Program in Cultural Criticism, based on readings, debates, and reports in the field of Linguistics, Language, and Culture in Speech carried out in remote classes. This research is a production based on the discussions in consonance with the ongoing project whose theme is: Aspects of Speech and Language Culture in Saussure: a reading of Sertão of Canudos. It aims to study the contribution that Linguistics and Language may have to enrich the historicity of the research on literary work about people from Canudos, scene of a religious war in the Northeast of Brazil.

KEYWORDS: Culture; Language; Speech; Sertão of Canudos.

1 | INTRODUÇÃO

Este artigo tem o objetivo de

apresentar o uma leitura da literatura e da Linguagem e sua importância para pesquisa desenvolvida no Sertão de Canudos, Bahia, onde acontece a Turma Especial do Doutorado em Pós Graduação em Crítica Cultural oferecido pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB através do Departamento de Letras do Campus II. Esse Programa é especial por se uma turma única com toda a temática voltada para Literatura da Guerra de Canudos, a cultural e linguagem do Território cenário de um dos maiores massacres da história do Brasil início da República, tema de os Sertões de Euclides da Cunha, entre outros autores, toda tessitura deste artigo é fruto das aulas do Doutorado durante a Pandemia Sarscov 2 COVID 19, quando fomos obrigado ao recurso de atividades remotas.

A importância de Ferdinand Saussure¹ nas Ciências Humanas e na Linguística com destacada participação no Século XX trouxe imensas contribuições a Língua e Linguagem, sua trajetória é muito semelhante ao filósofo grego Sócrates sec. IV a.C. Segundo Silveira (2013) “Escreveu muito, publicou pouco e alcançou notoriedade especialmente pelo que falou ou escreveu e não publicou “. As fontes são também as aulas de Saussure, que chegaram ao público através dos amigos mais próximos.

O Conceito de fala em Saussure, gerou contendas saudáveis no pensamento e na fortuna saussuriana, o texto como cartas a Meillet² aborda uma transformação nos estudos holísticos sobre a linguagem do século XX,: O Curso de Linguística Geral, aparece em seus manuscritos, uma abordagem fenomenológica; e cuidadosa sobre os termos Língua e fala e suas diferenças. A “fala” para Saussure é uma das suas preocupações desde o começo de suas primeiras elaborações.

O Mémoire³, escrito por ele em uma formação em Leipzig e publicado em 1878, marca sua entrada no meio acadêmico aborda uma distinção entre língua e fala e o sistema da língua. Destaques entre diversos estudiosos como Louis Hjelmslev, considera as duas expressões como tese primordial da Gramática de Linguística Geral ao perceber a distinção mais tarde na Lituânia entre “estudo histórico “ e “fisiológico” seja cronológico ou teoricamente vai afetar todos as outras elaborações suas.

Os estudos em Gramática Comparada que fizeram parte da Alemanha no Século XX, foi referência obrigatória em formação em Linguística, a língua se apoiava fortemente numa definição de fonética que era o centro dessas mudanças, essa tese de reflexão

1 Ferdinand de Saussure nasceu em 1857, em Genebra, na Suíça, no seio de uma família de conhecidos cientistas. Foi um importante linguista e teve papel central na formação da linguística como ciência no século XX e no surgimento do estruturalismo como modelo de análise. O autor foi base para o desenvolvimento das teorias sociais da década de 50 até a década de 70, principalmente na França. O modelo estruturalista de análise foi incorporado pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, foi referência para sociólogos como Pierre Bourdieu, filósofos como Michel Foucault e Jacques Derrida, além de ter participação no marxismo de Louis Althusser e na análise do discurso de Michel Pêcheux.

2 Antoine Meillet foi um linguista francês. Um dos principais nomes da linguística do século XX, ele iniciou seus estudos na Universidade de Paris, onde foi influenciado pelas ideias de Michel Bréal, Ferdinand de Saussure e dos membros da revista *L'Année Sociologique*.

3 A tarefa de Saussure na obra *Mémoire* foi a de evidenciar o fato de que na realidade existem quatro termos diferentes e não três; os idiomas do Norte permitiram a fusão de dois fonemas fundamentalmente distintos e ainda distinguidos no sul da Europa: “a”, vogal simples oposta ao “e”, e “o”, vogal reforçada que não é...

sustentada por Franz Bopp⁴ e August Schleicher⁵. Para eles a língua ia se degradando constante mente por uma lei do menor esforço. Segundo Ducrot⁶ (1971:49) “Daí o resulta que os falares atuais, e, já em grande medida os da antiguidade greco-latina, seriam só ruínas”, uma ciência evolucionista e naturalista que pelo viés empírico e se perdendo a importância e sustentação destas línguas.

Hoje o Latim é pouco falado, considerado como língua morta, conceito qu discordo, é muito utilizada de forma solene e ritual, falada por clérigos e juristas renomados mesmo que em poucas sentenças ainda assim é estudada na academia e tem enorme importância na tradução de documentos históricos e revelados. As pronúncias eslavas, anglo-saxônicas, balcônicas, latinas, demonstram os percursos da fala e da linguagem, expressando enormes cismas linguísticos, uns em menores ou maiores sonoridades, vezes poéticas vezes frio com veios de sonoridade cultural e de identidade.

2 | METODOLOGIA

Toda a pesquisa desenvolvida de forma bibliográfica, fruto de reflexões de seminários e conferências em torno dos autores citados nas referências deste texto. A área de estudo da composição deste artigo abordagem da Linguagem e Linguística durante o curso de Doutorado no primeiro contato que tivemos com Saussure, Jakobson, Barthes entre outros autores inclusive de literatura brasileira através dos laboratórios de Memórias, Narrativas, Literatura Brasileira, estudo e conhecimento da pesquisa e métodos para aplicarmos no nosso trabalho de investigação e produção da história oral do povo de Canudos cujo tema estamos dedicando a investigar: Narrativas do Povo de Canudos na Pesquisa e Obra de José Calasans, na linha um: Literatura, produção cultural e modos de vida do Programa Pós Crítica Cultural da UNEB Campus II, Turma de Canudos. Esta pesquisa se propôs a se apoiar no vetor da investigação qualitativa, visto que este vetor comporta o processo de pesquisa exploratória em fontes primárias e secundárias

Através de Entrevistas semiestruturadas, documentos bibliográficos, visitas de campo, registros fotográficos, levantamento de referências bibliográficas, leituras de teses realizadas pelos pesquisadores sobre o tema em especial a obra de José Calazans. Está no início onde pretendemos aprofundar na investigação os autores deste componente é uma direção a seguir.

O Livro Curso de Linguística Geral é um marco na fundação e existência da linguística, a Linguística é uma ciência no sentido moderno do termo, uma crítica a exclusão

4 Franz Bopp foi o precursor dos estudos de gramática comparada e linguística. Estudou línguas orientais de 1812 a 1816 em Paris. Em 1816 publicou o importante estudo sobre o sistema das conjugações da língua sânscrita, comparado com o das línguas grega, latina persa e germânica.

5 August Schleicher foi um linguista alemão. Estudou teologia, filosofia e línguas orientais na Universidade de Leipzig e Tübingen, tendo se especializado em linguística na Universidade de Bonn. Obteve seu doutoramento em 1846, e passou a lecionar em Praga e, a partir de 1857, em Jena

6 Oswald Ducrot é um linguista francês. Ele era um professor e ex-colega de pesquisa no CNRS. Ele é, atualmente, professor na École des Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Ducrot é o autor de uma série de obras, especialmente na enunciação

da fala do domínio da linguística, se caracteriza por processos fisiológicos e físicos, nas representações do significado e significante do que cita Saussure um processo: " puramente psíquico". Já na expressão o psíquico representa o significante e a fala o signo. Nestes termos segundo (Saussure,2012:141) "tudo quanto seja diacrônico na língua não o é senão pela fala". A língua como sistema de signos.

Na publicação do Manuscrito "Trois premières conférences à l' Université" escrito em novembro de 1891, reconhece a preocupação de Saussure em distinguir língua, linguagem e fala. A Fala nos Manuscritos: Uma das características das três primeiras conferencias buscava distinguir língua, linguagem e fala; também acrescenta aos conceitos: consciente e inconsciente; considera a fala como fato empírico, o que aparece a fala nos manuscritos como sendo a expressão: "De l'essence double du langage"⁸ (última década sec. XIX): Neste contexto se insere cinco ou seis verdades sobre: língua como sistema; elementos diferenciais da língua e realidade negativa; conceitos tais como: sincronia e diacronia; significante e significado; signo e língua; Segundo Silveira "... o som por si só não dará uma resposta às pesquisas sobre as mudanças linguísticas. As características fisiológicas e físicas do elemento suscetível à mudança precisam ser submetidas à relação com os outros elementos da palavra para que se entenda a mudança" (Silveira, 2013, p. 55).

A língua em *Mémoire*⁹ é conceituado como objeto da linguística. A Obra de Saussure é imensa na grandeza intelectual requer uma leitura mais paciente e dedicada. O Projeto Semiológico da fortuna de Saussure explica que princípios centrais na construção do objeto língua - como o da arbitrariedade do signo e do valor - são também fundamentos para o estudo das linguagens e, portanto, para os estudos semiológicos, Saussure indica "duas dimensões no estudo da Semiologia: a do sistema e a do processo" (Saussure,2006, p.105). A partir de então, estabelece diálogos entre o projeto semiológico saussuriano que se depreende do CLG, o pensamento de Hjelmslev e teóricos que, de certa maneira, dão continuidade a esse projeto, concluindo que "Barthes e Greimas só puderam realizar a grande aventura semiológica do século passado depois do Curso de Saussure» (Saussure, 2006, p.110).

Em debate sobre a Teoria do Valor exposta por Saussure durante o curso que ministrou na Universidade de Genebra em meados do século XX, consistia em um princípio fundamental para o funcionamento da língua refere-se também a arbitrariedade do signo, a envergadura do significado e do significante em importância para a temática da Língua, linguagem e fala. Segundo Saussure: "... a língua pode ser comparada a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira porque é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade. (Saussure, 1975,

7 Três primeiras palestras/conferencias na universidade.

8 Da dupla essência da linguagem

9 Saussure torna se reconhecido na Academia em grande parte pela publicação do *Mémoire* em 1879. Historiografia Linguística, o contexto e o conteúdo do *Mémoire* de Saussure, ao reconstruir os desenvolvimentos da Linguística Histórica a partir do século XIX e ao traduzir o primeiro capítulo dessa obra, com vistas a recuperar-lhe o sentido do termo sistema, que viria a ser de grande importância para a história da Linguística no século XX.

p. 26 apud Flores; Nunes, 2007, p. 202). Para ele a língua é um sistema léxico lógico e gramatical que existe potencialmente na consciência das pessoas que falam o mesmo idioma. Um sistema que comunica por verbos, com signos que reúne em torno de si uma comunidade de falantes, representado por muitas nações e etnias da terra.

Para (Barthes.2020) O significado e o significante representam na teoria lógica de Saussure os componentes dos signos, que é um termo com diferentes significados seja da Teologia a Medicina, diferentes sentidos, e confere uma história muito rica seja no Evangelho em sua exegese ou na configuração da cibernética e tecnologia de ponta. Para (Saussure,2006), “A Teoria do valor é importante só no eixo da teorização em Saussure, mas sobretudo busca de modo fundamental por respostas acerca da natureza da língua. “ Patente o reconhecimento que aparece, mais do que em qualquer outro lugar nesse controle “o valor linguístico. “O Curso de Linguística Geral trata de questões cruciais que se presume falar da ordem própria da língua”. (Silveira,2009 p.48). Essa relação com a natureza implica na natureza que nos interroga, não nós interrogamos a natureza.

A Natureza da língua ou como afirma Hegel a natureza enquanto Consciência como atributo da formulação do pensamento, e objeto que produz pensamento, “dar a pensar”, constitui a identidade do SER, enquanto ser. A língua é também um elemento de soberania insubstituível, perder a língua ou destruir, apagar uma língua de um povo é uma forma sutil de eliminação é um genocídio. Sem língua própria este povo passar da liberdade a dominação e sem o controle absoluto da gramática, pronuncia, entendimento, códigos, um povo quando perde a língua *mater*, não se reconhece. Para Saussure: a Hierarquia existe: Língua X Fala. E afirma: “Existe, pois, interdependência da língua e da fala: aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém não impede que elas sejam duas coisas absolutamente distintas” (Saussure, 2012, p. 51 apud Silveira, 2013, p. 51).

A linguagem e fala para Barthes (202) é central em Saussure, revela uma novidade na Linguística anterior, a linguagem para Barthes é parte do físico, fisiológico, psíquico, individual e social, “ A língua é a linguagem, menos a fala” o processo de comunicação já é língua, só há ciência de língua. Neste Sentido segundo Silveira: “Um dos motivos para publicar outras notas, de outros alunos de Saussure, após a publicação do CLG, tem relação diretamente com o conceito de fala” (Silveira, 2013, p. 52).

Por entender o conceito de fala como uma *POESIS/ ΠΟΕΣΙΣ*¹⁰ um dos pensadores que mais ampliou a discussão sobre as teses de Saussure pela Rússia, foi Roman Jakobson¹¹ ao tratar das conferencias científicas e suas cartografias, tem na poética tratar o fundamentalmente do problema : Que faz de uma mensagem verbal um olhar da arte? Neste sentido o objeto principal da poética como campo da fala, linguagem, as diferenças

10 Poesia: Produção

11 Roman Jakobson nasceu em 1896 em Moscou, perseguido por ser judeu conheceu muita gente viajando e na linguística foi um dos primeiros a pensar sobre a enunciação suas teorias sobre a função da linguagem.

específicas entre a arte verbal e as outras artes, espécies de condutas verbais onde cabe o lugar dos estudos literários, a linguística exerce um lugar nos estudos literários a linguística como ciência global da estrutura verbal.

Platão definiu a *Poesis* como produção, o fazer, o *teknos*¹², que é parte da extensão do pensamento do SER ao produzir cultura, toda extensão é produção de existência e de cultura. Muitos traços (semióticos) pertencem não menos a ciência da linguagem, mas toda teoria dos signos, vale dizer a semiótica geral. Esta afirmativa vale para a arte verbal como para todas as variedades de linguagem, a linguagem compartilha muitas propriedades como alguns outros sistemas de signos, ou mesmo com todos esses traços pan semióticos, a poética se confirma a arte verbal, está presente na Odisseia, ou Ilíadas, nas viagens e guerras de Ulisses como a Guerra de Troia, a volta do Guerreiro que foi transformada em quadrinhos com certos traços estruturais de enredo são preservados malgrado o desenvolvimento de sua configuração global. A história da Guerra de Canudos no Sertão da Bahia a mais de um século também virou quadrinhos, é uma outra forma de leitura e linguagem sem perder a essência e não macular o fato histórico, mas sim chegar até as novas gerações forma de comunicação.

É um erro pensar que a poética em contraposição da linguística se acusa de julgamentos de valores, é um equívoco entre a estrutura da poesia e estrutura verbal, a designação de “crítico literário” aplicado a um investigador de literatura é tão errônea quanto seria de crítico gramatical (ou léxico) aplicado a um linguista Segundo (Jakobson, 1974. p120): “Infelizmente, a confusão terminológica de “estudos literários” com “crítica “induz o estudioso de literatura a substituir a descrição dos valores intrínsecos de uma obra literária por um veredito subjetivo censório.” A poesia é o único domínio em que o simbolismo se faz sentir as palavras semelhantes se aproximam do seu significado. O exemplo de um missionário censurou um rebanho africano por andar despido. As ovelhas responderam: “ E o senhor “ responde os nativos e aponta para o rosto; “Não anda despido em alguma parte? Ele envergonhado respondeu: “ Mas é o rosto”. Responde os nativos: “ Pois bem, conosco tudo é rosto”. Assim também em poesia qualquer elemento verbal se converte numa figura do discurso poético. O sentido da produção está na poesis platônica, o gesto do missionário em relação a diversidade cultural, implora o olhar censório, compreende um mundo adverso, falta uma opção quenótica de inserção cultural no meio dos povos africanos e sua antropologia e modos de vida.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este texto é o início de uma série de artigos que vai fundamentar a tese e instrumento para uma pré-qualificação inicial do projeto e conteúdo. A participação neste evento é uma forma de aprendizagem no incentivo a publicação e produção.

12 FAZER – Tecnologia – Estudo do fazer

Para construir uma relação entre o estruturalismo linguístico modelo que foi proposto por Saussure confunde com o círculo de Praga (Hoje República Checa) em 1928, o I congresso realizado em Haia (Holanda -Países Baixos) onde aparece a expressão autonomia linguística; para Jakobson, (1974) sua autonomia como ciência não a isola de outras áreas do conhecimento, a linguística em suas relações com outras ciências estabelece um quadro de cultura, ele considera a cooperação interdisciplinar como ponto de partida para uma ordenação das ciência humanas.

Um dos elementos que marca na história de um povo é sua cultura da fala, “o lugar da fala”, sempre retratado na história tradicional na perspectiva do herói, do dominador, do colonizador, da autoridade de poder, poder de mando. Mesmo sofrendo toda violência do Estado, da mídia escrita da época vide jornais e folhetins, violência da fala do poder militar, fala de ódio de intolerância política, religiosa e civil, Canudos¹³ não se envergonhou a obedecer todo um discurso reproduzido de boca em boca contra uma comunidade de aproximadamente 25 mil pessoas ou mais no sertão da Bahia conduzido por Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como “Antônio conselheiro¹⁴”.

Uma Guerra entre irmãos no interior do Nordeste do Brasil, que não começou com o primeiro disparo, mas com as primeiras falas de ódio e calúnias, que de boca em boca foi passando até chegar ao alto comando do País. Como começou toda a contenda, são fatos históricos, para Euclides da Cunha termina com a degola de idosos, mulheres e crianças, mas para o povo herdeiro do legado de Canudos, a Guerra política até hoje perdura com a dívida histórica da injustiça praticada jamais reparada. A história oficial insiste em não reconhecer a fala do povoe suas diversas representações e testemunhos de memória e oralidade. Segundo (Williams, 2008 p.10):

“ Cultura”. A história e o uso desse termo excepcionalmente complexo podem ser estudados em Kroeber e Kluckhohn (1952) e Williams (1958 e 1976). Começando com a nome de um processo cultural (cultivo) de vegetais (criação e reprodução) de animais e, por extensão, cultura (cultivo ativo) da mente humana. ”.

Como um modo de vida de um povo, ou civilização, a fala do povo de Canudos,

13 CANUDOS, faz parte do estado da Bahia. Sua população no censo do IBGE, atualmente é de 16,752 habitantes, dos quais a metade vivia na sede. O município possui uma área de 2 984km². Encontra-se inserido no Polígono das Secas e no vale do rio Vaza-Barris. A atual Canudos é a terceira Canudos da região. A primeira surgiu no século XVIII às margens do rio Vaza-Barris, a 12 km da localidade atual. Era uma pequena aldeia nos arredores da Fazenda Canudos. Com a chegada de Antônio Conselheiro e seus seguidores, em 1893, o lugar foi rebatizado como Belo Monte, e passou a crescer vertiginosamente. Calcula-se que no seu auge em 1897 contasse com 25.000 habitantes, sendo destruída pelo Exército durante a Guerra de Canudos (1896-1897). A segunda Canudos surgiu por volta de 1910, sobre as ruínas de Belo Monte. Seus primeiros habitantes eram sobreviventes da guerra. Depois de uma visita do presidente Getúlio Vargas, em 1940, decidiu-se construir um açude no local. Em 1950, com o princípio das obras de construção da barragem que inundaria o vilarejo, os habitantes começaram a sair, partindo para outras localides da região, principalmente Bendegó, Uauá, Euclides da Cunha e Feira de Santana. Além disso, um novo vilarejo formou-se aos pés da barragem em construção, numa antiga fazenda chamada Cocorobó, a 20km da segunda Canudos. Com o término das obras, o local onde ficava Canudos desapareceu por sob as águas do açude de Cocorobó em 1969.

14 Antônio Vicente Mendes Maciel. Antônio Conselheiro e Bom Jesus Conselheiro fez Nina Rodrigues observar as etapas evolutivas da doença mental do milagreiro afirma Calasans, rábula, veio do Ceará para a Bahia se estabeleceu em Belo Monte, no vale do Rio Vaza Barris, na Bahia, construiu uma comunidade messiânica, ergue muitas capelas e igrejas em missões religiosas e dirigiu um onde foi destruído pelas forças da República;

registrados na literatura de Cunha (1901) Calasans (1977) Aras (2003) e tantos outros historiadores, consta de uma denúncia ser Canudos uma comunidade Monarquista que insurgia contra a República instaurada no Brasil, estas falas destoava do “Estado”. Propagado nas falas de Antônio Conselheiro que tinha a Bíblia no seu antigo testamento ser o REI uma instituição divina, Canudos uma comunidade religiosa terra de profecia e promessa onde “as montanhas de cuscuz e rios de leite” seria encontrado por uma multidão de famintos que fugia da seca, da fome, da peste e da escravidão dos latifúndios. Uma consigna nesta fala semelhante a “Terra, Pão e paz”, e acrescentamos o elemento da fé, era a promessa de uma fala de um pedaço do paraíso na terra.

A Cultura da religiosidade do povo que era conduzido por Antônio Conselheiro, fortalecia a grande multidão de devotos que cumpria um ritual cotidiano de orações e penitências, seguia preceitos e mandamentos da Igreja Católica e Apostólica Romana, que no princípio começou a aproximar do povo, depois os abandonam a própria sorte e a silencia diante do grande massacre que viria mais tarde.

Há uma percepção que a cultura é uma categoria que o povo controla e o Estado tenta conduzir ou manipular e esta ideia que é contestado segundo (Williams, 2008 p,55) que afirma: “ Em algumas sociedades capitalistas, e na maioria das sociedades pós capitalistas, as instituições culturais tornaram-se de Departamentos do Estado, particularmente nos modernos meios de comunicação de massa”. Uma das fragilidades do povo de Canudos foi enfrentar uma Guerra sem um jornal ou meio de propaganda, a palavra escrita sempre foi uma arma a ser conduzida numa batalha. Os Jornais da capital e da província da Bahia relatavam os fatos na perspectiva do Governo, com fatos sempre contra o Movimento Conselheirista, retratando glórias ao Exército Brasileiro e seu Ministro da Guerra, até os cordéis favoreciam aos generais. Mas o Povo de Canudos reagia com cordéis e poemas de contestação, mostrando os generais de “Pés de Barro”. Segundo: (Calasans,2000 p.68) descreve: Mercador e combatente, o segundo Vilanova era também poeta. Gostava de versejar: “sempre gostei de versejar”, declarou. ” Era minha diversão”. ” Tirou uns versos da cabeça”, quando Moreira César morreu¹⁵.

“ Morreu o Moreira César /
Lá no Alto da Favela/Foi ficar nas Umburanas/
Ao redor dos canaviais/
Mais não chupou das canas”.

Os Vilanova eram comerciantes que fizeram fortunas em Canudos com comércio, eles saíram antes da guerra terminar. O cordel era uma fala em versos e prosa de uma linguagem nordestina sertaneja, uma fonte de resistência até os dias atuais.

¹⁵ General que comandou a Guerra de Canudos e morreu no campo de batalha.

4 | CONCLUSÃO

Ao abraçar um tema: Narrativas do povo de Canudos na pesquisa e obra de José Calasans, que se insere na Linha um : Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida, no Programa de Pós Graduação Pós Crítica turma especial de Canudos, tem um sentido especial por ser falas de um povo que viveu um dos episódios mais importantes do Brasil, sob condições de fome, seca, guerra, e perseguições com milhares de mortes, inclusive a perpetração do crime de degola pelo Exército Brasileiro contra o Povo de Canudos, que seguia o Beato Antônio Conselheiro.

José Calasans¹⁶, foi um dos primeiros pesquisadores a chegar em Canudos após a Guerra em 1957 fez a primeira visita de campo e deparou com moradores assustados sobre esse tema mesmo fazendo décadas depois do ocorrido. Sua conversa na feira, visitas a alguns idosos da época, além de suas buscas na literatura Euclides da Cunha e outros relatos de jornais e documentos o fez um obtuso pesquisador e completa referência sobre o tema, aprofundou em autores que se interessavam pelo assunto e toda referência seja euclidiana, seja acerca do fato histórico, com muita prudência e uma linguagem precisa, cuidadosa ele relatava suas críticas literárias de concordâncias ou repugnantes com toda propriedade adquirida em anos de investigação detalhada e documentada. Seu acervo é bem farto de conteúdos sobre a temática.

A linha que escolho é por entender que a Literatura e os modos de vida deste povo pós-Guerra de Canudos ainda guardam marcas e casos que envolve a cultura da região, elementos que formam a identidade do sertanejo, seu modo de vida confunde com a seca da região, a literatura de cordel, os reisados, a comida típica, o jeito de ser do povo da roça, a sabedoria popular encontrada nas plantas artes, e na transcendência que reflete o semiárido e esse território rico em lembranças e registros. Na Leitura aguçada de Euclides da Cunha, um escritor jornalista que vive ao mesmo tempo na época dos autores principais do fato a exemplo de Antônio Conselheiro e dos políticos, religiosos, autoridades e militares da época.

Para definir o Sertão (Cunha,2003, p.40) afirma com seu testemunho da beleza que o representa numa linguagem poética e literária usando um misto de fala e transcendência

16 Sergipano de Aracaju, onde nasceu a 14 de julho de 1915, era também baiano de coração. Se na terra natal cursou as primeiras letras e fez o secundário no Liceu Sergipense, foi em Salvador que estudou na Faculdade de Direito, diplomando-se em 1937. Neste mesmo ano foi admitido como Sócio Efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, onde pontificara outro notável sergipano, Bernardino José de Souza, Secretário Perpétuo da Casa da Bahia.

Chegara a esta capital com apenas 17 anos, em 1932, integrando-se no meio social baiano graças à sua capacidade de comunicação e de entrosamento na comunidade. Após a formatura, no entanto, voltou a Aracaju, passando a lecionar no Colégio Estadual de Sergipe e na Escola Normal Rui Barbosa. Nesta última atuou como catedrático, aprovado com distinção, de História do Brasil e de Sergipe.

Corria o ano de 1942. Em Aracaju, tal era a sua projeção intelectual que assumiu a presidência do Instituto Histórico e Em Salvador passa a ensinar na Faculdade Católica de Filosofia e na Faculdade de então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia, hoje de Ciências Humanas da Ufba.

Em 1951 submete-se a concurso de Livre – Docência de História do Brasil, defendendo a tese: “O Ciclo do Bom Jesus Conselheiro”. Na mesma Faculdade, em 1959, concorre à Cátedra de História Moderna e Contemporânea, tendo apresentado o estudo: “Os Vintistas e a Regeneração de Portugal”.

da linguagem expressa na paisagem da savana nordestina:

“E o sertão é um paraíso...Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das catingas: disparam pelas baixadas úmidas os caititus esquivos; passam, em varas, pelas tiguerras, numas estrídulos estrepitar de maxilas percutindo, as queixadas de canela ruiva; correm pelos tabuleiros altos, em bandos, esporeando-se com os ferrões de solo de asas, as emas velocíssimas; e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos balseados, a fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote brutal, inflexivelmente retilíneo, pela catinga, derribando arvores; e as próprias suçuaranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares nas luras dos fragedos, pulam alegres, numa macegas altas, antes de quedarem nas tocais traiçoeiras aos veados ariscos ou novilho desgarrados.”

A sua forma em plena linguagem de jornalista de guerra se torna uma descrição fiel para posteridade o que já foi a mata, o bioma da catinga no passado, e hoje destruída pelo fogo, erosão e a mão humana. O relato não nega a seca, ou aridez do solo e calor infernal, mas afirma tem vida e muita vida, sobre esse pedaço de chão. Ao descrever todas as espécies que visualiza, não descreveu todas as espécies que existem, apenas o que foi possível descrever.

A Língua foi um elemento de combate do Povo de Canudos, muito bem usada pela fala de Antônio Conselheiro, não desperdiçava nem uma loa, não economizava no seu apalavrado, não poupava a sua voz de profecia, com forte rompante e destemido convertia os sertanejos por um caminho sem volta: Construir o paraíso na terra! Os modos de ensinar essa linguagem da religiosidade eram jaculatórias e exercícios espirituais que se manifestavam nas falas repetidas de seus seguidores entre eles: Inofensivos, ou inválidos, mulheres, crianças, seus melhores crentes, velhos alquebrados, doentes, que entoavam versos que a vinte anos se reproduzia na linguagem sertaneja: Segundo (Cunha,2003; p.121) As manifestações da fé vinham em refrãos como mantras;

“ Do Céu veio uma luz/
Que Jesus Cristo mandou. /
Santo Antônio Aparecido/ dos castigos nos livrou! /
Quem ouvir e não aprender/
Quem souber e não ensinar
/No dia do Juízo/
A sua alma penará!

A Cultura dá ao povo uma força incomensurável para enfrentar a crua e dura realidade do combate. “O inacabado é parte constitutiva do cabedal teórico de Saussure, e o conceito de fala participa dessa construção na sua qualidade de parte do processo de Saussure na constituição da Linguística tal como reconhecemos hoje” (Silveira, 2013, p. 56).

Ao se referir a história e a escrita como meio de sistematização da experiência humana sobre um suporte material, a partir de desenhos, marcas, traços, tijolos, papiros, pergaminhos, material arqueológico, monumentos, vestuários, memórias que se apropriam do passado. Sobre os três fenômenos da história elencados por Ricouer: O papel do testemunho isto a se referir a historiografia, a investigação documental, é o testemunho um sentido extenso da memória, só existe testemunho quando existe narrativa, quando alguém na sua individualidade afirma “eu estava lá”, “creiam ou não em mim”, as relações de um testemunho e sua forma de existência, no compromisso de testemunhar de novo, vai afirmando um esclarecer a verdade e trazer a luz até elaborarmos uma confiança na palavra do outro a um registro documental. Escutar as memórias e narrativas do povo em Canudos em 1959 a 1991 para Calasans, foi fundamental uma ré- leitura da obra de Euclides da Cunha ou outros pensadores que por alguma razão escreveram sobre o Sertão de Canudos.

A fase explicativa da história onde terá consequência no estágio da leitura, e se configura numa racionalidade e resposta a questão do “porquê? “. Podemos pensar em poupar a arquitetura explicativa da história, buscando falar mais de compreensão do que explicação, essa explicação histórica pode ser variada a escala de um fenômeno. A respeito da “longa duração” de Braudel, em definição de intervalos de tempo no gênero de micro história, praticado pela escola italiana. Podemos agregar a preservação das memórias comunitárias, onde a história está privada da graça do reconhecimento que constitui a memória uma iluminação. Segundo Ricouer (2009):

[...] A história engloba um horizonte de acontecimentos passados mais amplos do que sua memória, cujo alcance é mais reduzido e pode parecer devorado pelo vasto campo do tempo histórico. Além disso, a história pode introduzir comparações que tendem a relativizar a unicidade e o caráter incomparável de memórias dolorosas. [...]

A história envolve uma perspectiva de acontecimentos passados mais amplo do que a memória, o alcance é reduzido e pode ser destruídos pelo tempo histórico isto pode afetar as memórias dolorosas, a que se refere Ricouer, ao observar que a memória coletiva não está privado de recursos de representação do passado, ainda concorrem com outros textos escritos de ficção entre eles adaptações de teatros, trabalhos escritos dos historiadores, quadros, fotos, expressões escritas e filmes a exemplo de:” A Lista de Schindler “ filme dirigido por Spielberg que retrata ficção sobre uma passagem do holocausto sofrido pelos judeus na Segunda Guerra Mundial, o episódio baiano foi uma antecipação a barbárie que viria anos depois com o holocausto sofrido pelos judeus em plena Segunda Guerra Mundial. Exterminar 20 mil civis e 5 mil combatentes é sem dúvida um genocídio no Sertão e nordeste do Brasil.

Quando se refere ao esquecimento não se pode omitir a prática da “amnístia” a partir do decreto promulgado em Atenas em 403 a. C, onde recordava os crimes de infelicidades

praticados pelos partidos gregos, daí o juramento pronunciados pelos cidadãos “ não recordarei as infelicidades” (mnesikakein- contra memória) é uso comum em muitas democracias contemporâneas desse termo esquecimento por imposição onde buscam por diversos motivos a paz social.

Paul Ricouer propõe uma tomada de consciência, sugere uma desmistificação das suas “ilusões”. Esta consciência e inconsciência o que existe é um elã que se completa, onde o que deve ser percebido é a consciência que não representa a realidade que podemos conhecer. Em síntese Ricouer, elimina a ideia de consciência e recupera o seu sentido numa hermenêutica em Freud no seu aporte o lugar da falsidade do cogito, do primeiro raciocínio ou de forma clara a consciência pretende contra si própria desde o começo. Favorece uma leitura de se considerar o sentido de esquecer, um elemento da decomposição do ser enquanto bárbaro e frio assassino diante dos horrores de Canudos.

O Sujeito se faz diferente do “eu”, do ego, de consciência, é o si reflexivo de todas pessoas. Já com relação ao conceito de identidade se torna pragmática e surge a pergunta: Quem sou eu? O ela não é mais uma coisa pensante, mas um sujeito imerso na temporalidade como afirma (Ricouer, 2004 p. 145):

[...] Na expressão “eu digo que” o “eu” não figura como um termo lexical do sistema da língua, mas como uma expressão auto referencial pela qual se designa a si mesmo esse que, falando, emprega o pronome pessoal na primeira pessoa do singular dessa forma, ele é usual o si mesmo compreende o contexto de uso. [...]

A configuração dada ao corpo na sociedade contemporânea permeada de sentidos e significados de dupla significação, o corpo pode representar apenas uma aparência ou uma leitura de expressão artística, cultural, sexual ou de cunho capitalista.

Avançamos muito na reflexão sobre o empoderamento social, os aspectos da comunicação podemos hoje vislumbrar um mundo sem fronteiras pela rede mundial de computadores, onde o ser humano hiper conectado, pode intervir de forma virtual, falar de forma virtual, fazer sexo, produzir, criar, sobretudo conviver e até mesmo se relacionar, porém não pode esquecer a importância que ainda exerce a literatura e a cultura geral na formação intelectual, da humanidade. Segundo (Benjamim: 1994, p.06)

[...] O romance, cujos primórdios remontam à Antiguidade, precisou de centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis a seu florescimento. Quando esses elementos surgiram, a narrativa começou pouco a pouco a tornar-se arcaica; sem dúvida, ela se apropriou de múltiplas formas, do novo conteúdo, mas não foi determinada verdadeiramente por ele. Por outro lado, verificamos que com a consolidação da burguesia - da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes - destacou-se uma forma de comunicação que, por mais antigas que fossem suas origens, nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce essa influência. Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa nova forma de comunicação é a informação. [...]

Demonstrando numa de suas obras, o Narrador, afirma a importância da comunicação e informação na formação de um pensamento ou opinião social. Aonde um grande esforço chega a ser empreendido para a compreensão da realidade e conscientização das pessoas sobre a sua própria realidade e o desprezo pela leitura. Segundo: (Sartre, 1997. p. 389) “O Corpo é o instrumento que sou, é minha facticidade de Ser “no-meio-do-mundo” enquanto transcendendo rumo ao meu ser-no-mundo. ” Esta representação configura uma identidade onde o corpo passa a definir a consciência-corpo. Fundamenta o elemento de um corpo sobretudo objeto.

Na Fenomenologia, como se tem repetido, “consciência é sempre consciência de algo” . Consciência pode ser traduzida como corpo, às reações produzidas pelo corpo, à dor, o prazer, o desejo é uma manifestação do ato de consciência. Neste sentido podemos presumir, portanto, que o sujeito, ao lançar-se no mundo, espanta-se, de modo que o ato consciente se embasa na experiência cotidiana. Segundo:(Sartre.1997 p. 397): “O que é gosto de si para o outro, converte-se para mim em carne do outro. A carne é contingência pura da presença. (Saudade)... O corpo do outro é dado imediatamente a nós como aquilo que o outro é.”

Compreende, portanto que o processo de significação não se dá em mundo mecânico e inerte; o mesmo se processa através de uma relação noética, onde o mundo, que se doa à consciência do sujeito como objeto, ao mesmo tempo o interpela a interpretá-lo, seguindo uma escolha intencional e intersubjetiva. Segundo: (Husserl, aul Ziles,1994,p.127) onde ele afirma: “Assim, a fenomenologia deve ser a ciência dos fundamentos e das raízes, ou seja, uma ciência radical, uma ciência dos fundamentos originários... O impulso de investigação das coisas e dos problemas”.

A experiência do conhecimento para Platão constitui no sentido da produção e esta relação com a “poiesis”, tem construído na escola uma discussão que reflete no corpo. Na ótica fenomenológica, o educador não é um mero especialista; antes disso, é um ser humano lançado no mundo frente às possibilidades de definição deste: é um *dasein*. Ser na busca de esclarecimento, em seu sentido ontológico, sobre si a partir das relações tensivas (e conflitivas) com o outro. Da relação ser-mundo, o ser-aí, o *Dasein* Heideggeriano, brota outra de natureza triádica, ser-mundo-conhecimento. Conhecimento que em francês significa *connaissance*, ou seja, nascimento do Ser. Onde o Ser levanta e mostrar-se ao pensamento. O pensamento faz com que o ser se conheça e se presentifique. O conhecimento aqui é descrito não a partir da visão metafísica produtora do sujeito que conhece ou sujeito consciente.

No sentido ontológico Heideggeriano, o conceito de ser no vazio e abstrato, resultado da lógica formal escolástica, deve ser repensado. Em seu lugar, a partir do método fenomenológico, o ser se dá a conhecer imediatamente, na e pela experiência. Superar essa visão é assumir o sentido do ser enquanto perspectiva ontológica da presença. O ser, ontologicamente pensado, coincide com presença, não com sujeito consciente, bem

como o sentido de mundo difere do sentido de objeto. Essa relação costurada entre sujeito, objeto e conhecimento, que se apresenta pela metafísica, dificulta nossa compreensão do ser no sentido de corpo e consciência no mundo, mas não na Fenomenologia. Não deve existir corte no processo de conhecimento. Segundo: (Heidegger, 2002, p. 98):

“Se o for-no-mundo é uma constituição fundamental da presença em que ela se move não apenas em geral, mas, sobretudo, no modo da cotidianidade, então a presença já deve ter sido sempre experimentada onticamente. Incompreensível seria uma ondulação total, porque a presença dispõe de uma compreensão ontológica de si mesma, por mais indeterminada que seja, e logo que o ‘fenômeno do conhecimento do mundo’ se apreende em si mesmo, sempre recai numa interpretação formal e ‘externa’. Um índice disso é a suposição, hoje tão corrente, do conhecimento como uma ‘relação de sujeito e objeto’, tão ‘verdadeira’ quando vã. Sujeito e objeto, porém, não coincidem com presença e mundo.”

Seria o mesmo que afirmar que entre presença e mundo há um acordo irmanado e é a partir desse acordo que a deveria se constituir também na humanidade escola, família, lugar da produção. Ou seja, pensar a partir do seu próprio ser situada na dinâmica do mundo, a educação do corpo como afirmava Anísio Teixeira precisa ser considerado. À medida que eu conheço meu corpo como consciência do mundo, eu me conheço.

Neste contexto, o mundo é um grande livro que precisa ser hermeneuticamente apreendido: é um discurso a escola não pode ser vista apenas sob o ponto de vista da instituição, pois esta visão se orienta formalmente por princípios conceituais fechados, sem diferentes possibilidades a serem construídas. A Cultura, em seus aspectos na Cultura da fala e Linguagem em Saussure. Uma Leitura do Sertão de Canudos, é uma chave importante para entendermos o processo como a linguística pode nos inserir de forma kenótica¹⁷ na literatura e na compreensão do espaço da interpretação, da Língua e Linguagem.

A relação da linguagem na representação da fala, determina o conto na cultura da história relata pelos homens de Estado, na perspectiva do herói, na lógica do colonizador e na matéria que afirma o caráter do vencedor. Uma narrativa contada pela voz do povo pobre e humilde de Canudos, resgata elementos importantes da memória e fortalece a afirmação de uma Guerra com outro final que não seja glorioso, mas de vergonha e dor.

REFERÊNCIAS

ANTISERI, Dante, REALE, Giovanni. História da Filosofia Vol III, São Paulo. Paulus. 2003.

ARAS, José. No Sertão do Conselheiro. Salvador: Contexto e arte editorial. 2003

BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. São Paulo: Cultriz.2020

¹⁷ Do grego significa ‘esvaziar-se’. Utilizando o esquema “humilhação/exaltação” o texto de Filipenses mostra que Jesus, tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo:1995.

CALASANS, José. O Estado Maior de Antônio Conselheiro. São Paulo: GRD. 2000.

_____ Cartografia de Canudos. Salvador: EGBA. 1997

CUNHA, Euclides. Os Sertões. São Paulo: Nova Cultural. 2003

HEIDEGGER, Martin. Ser e Tempo. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

HUSSERL.EDMUND. A Ideia da Fenomenologia. Vozes.Petropólis:2020.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento e BARBISAN, Leci Borges (orgs). Saussure: a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto, 2013.174 p.

FLORES, Valdir do Nascimento; NUNES, Paula Ávila. Linguística da Enunciação: uma herança Saussuriana? **Organon**, Porto Alegre, nº 43, p. 199-209, julho-dezembro, 2007.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (orgs.) **Saussure**: a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto, p. 45-56, 2013.

JAKOBSON, Roman. Linguística e Comunicação. São Paulo: Cultrix.1974

MACEDO, José Rivair. MAESTRI, Mário. Belo Monte Uma história da Guerra de Canudos. São Paulo: Expressão Popular. 2004

PLATÃO. A república. **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural. 1987

RICOUER, Paul. **A Memória, a história e o esquecimento**. Campinas.: Unicamp.2010

SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada**. Vozes.Petrópolis.1997

SILVEIRA, Eliane. O lugar do conceito de fala na produção de Saussure. In: FIORIN, José Luiz; SAUSSURE. F. Curso de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix. 2006

WILLIAMS, Raimond. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2008.

ZILES. Urbano. Fenomenologia e Teoria do Conhecimento em Husserl Revista da Abordagem Gestáltica – XIII(2): 216-221, jul-dez, 2007

(Auto)biografia 91, 95, 96, 97, 101

(Músico)biografia 91, 98

A

Ajustes 80, 81, 82, 85, 90

Arquivos 10, 11, 57, 85

Arte 2, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 29, 31, 39, 41, 43, 54, 56, 57, 61, 64, 73, 74, 76, 79, 85, 91, 92, 96, 99, 107, 108, 116, 117, 120, 137, 155, 158, 159, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174

B

Bahia 36, 43, 44, 58, 78, 103, 104, 108, 109, 110, 111, 151, 152, 155, 157, 158, 160, 161, 162

C

Caminhos culturais 151, 152, 153, 155

Canto 46, 47, 50, 53, 67, 73, 159

Corporalidade 1, 2, 3, 52

Criação 2, 3, 5, 6, 8, 11, 13, 14, 16, 42, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 61, 62, 68, 74, 76, 82, 83, 109, 118, 119, 130, 145, 147, 155, 159, 162, 167, 170, 171

Cultura 2, 7, 10, 15, 16, 18, 26, 30, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 79, 80, 85, 93, 103, 108, 109, 110, 111, 112, 114, 116, 117, 118, 119, 121, 123, 130, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174

D

Descrição 29, 80, 82, 84, 88, 89, 108, 112, 124, 166, 169

E

Educação 9, 12, 45, 59, 77, 80, 82, 89, 93, 94, 95, 97, 98, 101, 102, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 133, 135, 136, 137, 138, 141, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 155, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 173, 174

Educação patrimonial 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 133, 135, 136, 138, 141, 147, 148, 149, 150

Ensino coletivo de trombone 58, 70

Entrevista narrativa 91

Escola 8, 12, 13, 34, 83, 87, 92, 93, 97, 98, 99, 100, 111, 113, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 136, 137, 140, 142, 146, 149, 162, 164, 165, 166, 167,

168, 169, 170, 171, 172

Extensão 20, 80, 81, 82, 84, 85, 88, 89, 90, 108, 109

F

Fala 5, 7, 39, 41, 42, 53, 55, 65, 66, 69, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 116, 117, 130, 132, 143

Formação 11, 14, 15, 38, 39, 41, 45, 58, 59, 60, 62, 65, 67, 69, 70, 73, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 85, 88, 90, 91, 94, 95, 97, 98, 99, 102, 104, 114, 115, 118, 119, 125, 127, 130, 131, 134, 143, 148, 150, 159, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173

Formação do ator 58, 62, 65, 67, 70, 73, 76, 79

Forte do Barbalho 151, 152, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161

H

História de vida 91, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102

I

Identidade cultural 44, 118, 129, 130, 139, 140, 141

IFBA 151, 152, 154, 160

L

Lavras - MG 140

Linguagem 103, 104, 105, 116

M

Memória 1, 9, 11, 21, 26, 39, 42, 45, 47, 62, 63, 64, 65, 75, 109, 113, 114, 116, 117, 118, 120, 124, 127, 130, 131, 132, 135, 139, 141, 142, 144, 145, 148, 155, 165

Mimesis corpórea 1, 2, 3, 4

Modelo Teórico CDG 58, 60

Museus 10, 11, 15, 16, 17, 18, 153, 155

P

Pandemia 17, 80, 81, 82, 85, 90, 104, 159

Patrimônio 11, 16, 17, 18, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 153, 156, 160

Patrimônio cultural 16, 18, 118, 119, 120, 121, 122, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149

Perdões - MG 129

Performance 1, 2, 3, 6, 8, 9, 48, 53, 55, 56, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 72, 73, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 87, 88, 89, 90

Pertencimento 22, 28, 98, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 152, 166

Práticas interpretativas 58, 59, 61, 63, 70, 71, 73, 74, 76, 77, 81, 90

Preservação 10, 15, 17, 113, 118, 120, 121, 122, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 141, 143, 147, 148, 149, 159

Processos 2, 5, 6, 7, 34, 38, 46, 47, 48, 49, 51, 56, 57, 66, 72, 82, 83, 84, 85, 94, 106, 152, 154, 155, 162, 164, 165, 166

Professor de música 91, 94, 99, 100, 101

Proposta Musicopedagógica CDG 58, 78

Proteção 122, 128, 129, 131, 137, 143, 148

R

Roda de samba 1, 2, 3, 4, 5, 9

S

Salvador 40, 43, 58, 78, 111, 116, 117, 151, 152, 154, 155, 156, 159, 160, 161, 162, 163

Samba 1, 2, 3, 4, 5, 8, 9, 41, 42, 43, 153

Sertão de Canudos 103, 104, 113, 116

T

Teatro de formas animadas 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 19

ARTE E CULTURA:

PRODUÇÃO, DIFUSÃO E REAPROPRIAÇÃO 3



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2023

ARTE E CULTURA:

PRODUÇÃO, DIFUSÃO E REAPROPRIAÇÃO 3



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2023